

NÃO VERÁS PAÍS NENHUM – 40 ANOS DEPOIS ENTREVISTA COM IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

And still the Earth – 40 years later- Interview with Ignácio de Loyola Brandão

No verás ningún país – 40 años Después- Entrevista con Ignácio de Loyola Brandão

Ignácio de Loyola Lopes Brandão¹

Márcio Antônio Gatti²

Gabriela Bruschini Grecca³

Júlia de Mello Silva Oliveira⁴

A presente entrevista foi concedida no âmbito do Projeto “Diálogos Interdisciplinares”, atividade de extensão do Programa de Pós-graduação em Estudos da Condição Humana – PPGECH⁵, da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, pode também ser conferida na íntegra no canal do YouTube do Programa⁶. A entrevista foi transmitida em ao vivo em 17 de novembro de 2021, tal como as demais atividades do projeto. Participaram desta entrevista, Márcio Antônio Gatti, docente do PPGECH e da UFSCar, Júlia de Mello Silva Oliveira, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos e Gabriela Bruschini Grecca, doutora em Estudos Literários (UNESP) e docente da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG–Divinópolis). A entrevista comemora os 40 anos de publicação (completados em 2021) do livro *Não Verás País Nenhum* e foi uma parceria entre o PPGECH e o grupo de Estudos e Pesquisas em Tecnologia, Cultura e Sociedade, o NEPeTeCS, da UFSCar⁷.

Ignácio De Loyola Brandão é cronista, contista, romancista, jornalista brasileiro, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de diversos e importantes livros na cena literária brasileira contemporânea, entre eles o livro *Não Veras País Nenhum*, tema desta entrevista.

Márcio Antônio Gatti: Boa noite. Esta edição dos Diálogos Interdisciplinares vai discutir um pouco mais esse livro tão interessante, tão inquietante, que é *Não verás país nenhum*, de Ignácio de Loyola Brandão. Eu agradeço os nossos convidados por aceitarem estar aqui para discutir e a sua disposição para conversarmos sobre esse livro. Antes de passar a palavra para eles, eu queria contar um pouco a história da ideia desta entrevista, porque ela tem uma história que tem uma ancoragem aqui, na

¹ Contista, romancista, jornalista brasileiro e membro da Academia Brasileira de Letras

² Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Condição Humana (PPGECH/UFSCar)

³ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professora efetiva na Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG)

⁴ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Mestre em Estudos de Literatura

⁵ Conf. <https://www.ppgech.ufscar.br/pt-br>. Acesso em: 3 mar. 2023.

⁶ Conf. https://www.youtube.com/watch?v=GatK5I06_Hk. Acesso em: 3 mar. 2023.

⁷ Conf. <https://www.nepetecs.ufscar.br/>. Acesso em: 3 mar. 2023.

instituição, na UFSCar. Surgiu no interior do grupo NEPeTeCS por conta das discussões em torno da cidade e, esse livro, nós entendemos que, pela via da literatura, tem tudo a ver com as discussões que nós estamos fazendo no âmbito do grupo sobre o direito à cidade. Mas também tem a ver com uma disciplina que eu e Teresa Melo⁸ ministramos juntos, no curso de Pedagogia, e esse livro foi lido pela turma. A Teresa me disse pra falar que era um *vade mecum* da disciplina de Pesquisas e Práticas Pedagógicas III. Não sei se é um *vade mecum*, mas foi um livro que nós lemos durante o semestre e que nos trouxe muitas reflexões em torno da questão do meio ambiente, que era a temática naquela disciplina. A disciplina está fechando hoje, com a transmissão desta entrevista. Ou seja, esta é a última aula da disciplina e acredito que vai ser uma excelente aula para os alunos. Em relação aos nossos convidados, nós temos aqui hoje, além obviamente da presença do autor, Ignácio de Loyola Brandão, a quem agradeço muito pela disponibilidade, Júlia de Mello, que é doutoranda do Programa em Estudos da Literatura, da UFSCar⁹; membra do grupo de pesquisa Literatura e Tempo Presente; é mestra em Estudos da Literatura também pelo PPGLit, da UFSCar; é graduada em Letras pela Unifal¹⁰, de Minas Gerais. Atua sobretudo com os seguintes temas: literatura brasileira moderna e contemporânea; romance brasileiro moderno e contemporâneo; romance brasileiro pós-64 e romance pós-ditatorial contemporâneo, literatura, realismo, mimesis e representação; e Gabriela Bruschini Grecca, que é professora de literatura em língua inglesa da Universidade do Estado de Minas Gerais, na unidade de Divinópolis; é graduada em Letras pela Universidade Estadual de Maringá; mestra em Estudos Literários pela mesma instituição; doutora em Estudos Literários pela Unesp¹¹ de Araraquara; com pesquisas voltadas para os estudos de distopias na literatura e o viés utópico da arte. Tem interesse nas seguintes temáticas: teorias e estudos sobre o romance, materialismo histórico e dialético, materialismo lacaniano, narrativas de artistas, utopias e distopias na literatura. E Ignácio de Loyola Brandão que, embora acredite dispensar muitas apresentações, é escritor e autor de diversas obras de destaque na literatura brasileira contemporânea. Destaco, aqui, o seu último livro, cujo título já é bastante provocador: *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela* e, obviamente, o romance que dá título a esta entrevista, *Não verás país nenhum*. Esse romance completa 40 anos neste ano [de 2021] e a Editora Global publicou uma edição comemorativa que conta com uma apresentação de Heloisa Starling¹², feita especialmente para a edição comemorativa, uma sequência do texto de Washington Novaes¹³ que estava nas outras edições, e encerra com o artigo “Antecipações do absurdo”, publicado pelo jornal *Valor Econômico* e escrito por José de Souza Martins¹⁴. Antes de passar a palavra para as colegas e para o Ignácio de Loyola Brandão, eu vou ler um trechinho do livro para começar bem essa entrevista [risos]. Esse livro que choca muito a gente, que tem muitas passagens importantes. Eu vou ler uma pagininha, depois eu passo a palavra, tá bom?

Eu estava chocado. Não fazia ainda ideia exata do que se abateria sobre aquele homem. Um biólogo com teses nos Estados Unidos e Europa.

⁸ Docente do PPGECH, da UFSCar, e líder do NEPeTeCS, também liderado por Vanda Silva, docente do PPGECH e da UFSCar.

⁹ Conf. <https://www.ppglit.ufscar.br/pt-br/front-page>. Acesso em: 3 mar. 2023.

¹⁰ Universidade Federal de Alfenas (MG).

¹¹ Universidade Estadual Paulista.

¹² Heloisa Starling é historiadora, pesquisadora e escritora brasileira, professora titular do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

¹³ Washington Luís Rodrigues Novaes (1934-2020) foi um jornalista brasileiro que se dedicou a temas como meio ambiente e culturas indígenas.

¹⁴ José de Souza Martins é sociólogo e escritor; professor titular aposentado do Departamento de Sociologia e Professor Emérito da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; membro da Academia Paulista de Letras.

Dava aulas havia dezenove anos. Filhos e netos. Pouco mais e levaria a vida tranquila. No entanto ele se ergueu. Sua voz indignada clamou. Contra o deserto.

Não calculávamos os resultados. A reação foi violenta. Deixou-nos confusos. Que raios de pesquisadores éramos se não tínhamos sequer possibilidades de analisar lucidamente a situação? Pessoas com as nossas informações de realidade política e social deviam estar preparadas.

Prontas a calcular, misturar os dados, observar. Concluir os caminhos aos quais estávamos sendo levados. Nem era questão de previsão. Bastava contemplar os fatos e tirar ilações naturais. Como beber água quando se tem sede. A punição daquele homem foi a chave que nos forneceram, o aviso.

Não a utilizamos. Levei alguns meses perplexo, até a vergonha tomar conta de mim. Senti que deveria ter atravessado o hall e me colocado ao lado do professor. Tivéssemos feito isso, algo poderia ter mudado. Os gestos decisivos faltaram em bons momentos de nossa história.

Dar as mãos simbolicamente. Penso muito nisso. Já se passaram tantos anos e ainda me imagino. Nós, juntos, diante da universidade. Ou aniquilavam todos ou voltavam atrás. Permitimos. Não me conformo. Culpa que carrego. Ela me corrói. Nada pior que a memória do gesto não realizado.

Dos anos setenta em diante, fomos conduzidos dentro de indefinições. Rodeados por coordenadas paradoxais. Sistemas duros, ares democráticos. Repressões justificadas e justificativas aceitas. Democracias em clima de ditadura. Regimes amorfos que não sabíamos pensar. Nunca nos ocorreu que era uma nova forma de sistema. Sem contornos definidos. O nosso erro foi procurar na própria história os moldes. Esquecidos de que os tempos e os homens tinham se modificado

substancialmente. Como poderíamos chamar essa nova fórmula? Sistemas dissimuladores?

Assemelham-se, porém não são. São, mas não se assemelham. Um jogo de esconde. Como se entrássemos num labirinto de espelhos e perdêssemos a imagem verdadeira. Ou todas as imagens à nossa volta, dadas como verdadeiras. Aceitar todas, admitindo uma multiplicidade, ou permanecer em busca da única?¹⁵

Então, agora, eu passo a palavra para as queridas Júlia de Mello e Gabriela Grecca. Muito obrigado.

Ignácio de Loyola Brandão: Eu era bom, hein?

Márcio: É ainda! [risos]

Júlia de Mello: Era? [risos] muito bom! Boa noite para todo mundo que está aqui com a gente. Eu quero dizer que é uma honra fazer parte desses Diálogos Interdisciplinares. Gostaria de começar agradecendo ao Márcio pelo convite de estar aqui junto do Ignácio, à Teresa pela acolhida e pela força-tarefa na organização do evento junto do Márcio, à Viviane¹⁶, pelo suporte técnico, à Gabriela, que é minha

¹⁵ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 56.

¹⁶ Viviane Melo de Mendonça, professora do PPGECH-UFSCar-Sorocaba.

companheira de pós-graduação e professora da UEMG, por dividir comigo essa missão de conversar com um imortal. Ignácio, minha maior admiração! Eu só acho engraçado dizer que eu converso com um imortal. Imortal da Academia Brasileira de Letras. Para quem não sabe, o Ignácio, agora, recentemente assumiu esse posto. E também queria agradecer a ele pela alegria de sua sempre muito gentil companhia, pela oportunidade de conversar sobre *Não verás país nenhum* e os seus 40 anos.

Ignácio: Estou aqui pra isso! A minha geração foi uma geração de escritores que mudou muito um panorama, porque os escritores anteriores a nós, consagrados, bons escritores, eles nunca iam para os lugares para falar. Eram, em geral, funcionários públicos, trabalhavam em ministérios, secretarias, autarquias etc. e a minha geração rompeu com isso. A minha geração toda era uma geração que veio dos meios de comunicação e dos jornais. Em plena ditadura! Então isso, a gente tinha o olho muito aberto porque a gente era jornalista e a gente estava vendo as coisas que estavam acontecendo e automaticamente a nossa literatura foi conduzida para isso, sabe? Olhar pela janela e produzir o que a gente produz. De modo que eu faço com muito prazer as *lives*, as palestras e a gente vai pelo país e eu conheci tanta coisa, tanta coisa, tanta coisa... Se vocês, um dia, tiverem oportunidade, leiam um livro meu de crônicas. Eu sou um cronista. O Márcio esqueceu. Acima de tudo, eu sou um cronista hoje. Adoro ser cronista! São crônicas que eu escrevi depois que eu percorri o Brasil inteiro e, quando eu fui a todos os estados, quando eu cheguei no Amapá, eu falei: “agora eu vou escrever um livro”. E é um livro sobre um retrato desse país por dentro, mas para parar, eu passo de novo a palavra para vocês para gente começar. Eu vim responder perguntas.

Gabriela Bruschini Grecca: Isso! Bom, então gostaria também de dar também boa noite a todos, a todas que estão nos assistindo agora, agradecer e parabenizar também o Márcio, a Teresa, que são membros do corpo docente do curso de Pedagogia, campus Sorocaba da UFSCar. Agradecer a Viviane, Vanda, Kelen¹⁷ e todas as pessoas que organizaram esse evento, que não mediram esforços para que essa conversa pudesse acontecer hoje. Dizer também que eu me sinto muito privilegiada de estar aqui com uma amiga tão próxima, que São Carlos me trouxe, que é a Júlia – uma parceria que não é de hoje, né, Júlia? – e com o escritor Ignácio de Loyola Brandão; além da honra de estar dividindo esse espaço com esse escritor que é uma das minhas referências de leitura e até mesmo de pesquisa. O Ignácio vem de Araraquara, que é a cidade não só onde eu fiz o doutorado, mas também onde fui imensamente feliz. Então, são vários os motivos que me levam a estar dupla, tripla, enfim, enésimamente feliz de estar aqui com vocês dois, Júlia e Ignácio. Vamos começar então essa primeira rodada de perguntas. Ignácio, eu gostaria primeiramente de perguntar se você poderia retomar um pouquinho para os nossos ouvintes sobre como foi o seu processo de escrita de *Não verás país nenhum*, e se a experiência com o romance *Zero* e a censura sofrida por ele, em 1974, afetaram *Não verás país nenhum*. Em dois sentidos: na composição – então, como eu já falei, como que o teu processo de escrita foi afetado por tudo o que houve com o *Zero* – e também na circulação. A gente fica se perguntando o quanto esse tal “abrandamento” da ditadura civil-militar acarretou processos de recepção diferentes ou talvez menos penosos do que aquilo que aconteceu com o *Zero*.

Ignácio: Bom, você quer que eu fale por 3 horas.

Gabriela: [risos] Por aí...

Ignácio: O *Zero* foi um livro que eu levei dez anos para escrever. O *Não verás* foi um livro que eu levei cinco anos para escrever. No fundo, o *Não verás* é a continuação

¹⁷ Viviane Melo de Mendonça, Vanda Aparecida da Silva e Kelen Leite, professoras do PPGECH-UFSCar-Sorocaba.

do regime que veio com Zero, que é um regime que não está muito bem explicitado o que é, mas a gente chegou de novo no mesmo regime com Bolsonaro. Está ali, naquela frase na página que o Márcio leu: “a democracia dentro de uma ditadura ou uma ditadura dentro de uma democracia.” O que estamos vivendo neste momento, gente? Uma ditadura dentro da democracia. No momento em que o presidente diz que o exame do Enem está com “a cara do governo”, ou seja, foi podado, foi cortado, foi criado, foi enxugado, foi manipulado; isso é uma ditadura. As *fake news* e tudo isso, isso é uma ditadura, entende? A ausência de um ministro de Educação – digo ausência porque não tivemos até hoje um ministro de Educação – e isso já coloquei no *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*. Não existe Ministério de Saúde, não existe Ministério de Educação. Naquele livro, o governo diz: “estuda quem quer, quem puder, do jeito que puder, se puder e se quiser”, que é o que acontece hoje. Então, no fundo... eu não sou vidente, não! E também não sou profético. Não sou nada disso! Eu tenho que contar uma coisa. Jovem... não! Criança, eu tive professores fantásticos. Eu fui feito escritor por causa dos meus professores. Um atrás do outro, cada um ia me dando um momento de como fazer literatura, de como olhar o país etc. Cada um, desde a Lourdes Prada e da Rute Segnini, do primário, hoje, fundamental, até o final do científico. A Lourdes Prada, quando dava redação (que se chamava composição), ela dizia assim: “eu quero que vocês apanhem essa cadernetinha – ela nos deu cadernetinhas – vão para a rua, eu não vou dar o tema da redação, vão para a rua e anotem tudo o que acharem curioso, divertido, triste, entende? Louco, interessante e vocês veem e aí a gente vai escolher o assunto por ali.” “Mas o que é isso, professora?” “Vocês vão me dizer como é o nosso bairro, como as pessoas vivem aqui, nesse bairro, quais são os costumes. Como são as relações etc.” E a gente fazia as nossas redações e cada um de uma maneira e, de alguma maneira, a gente mostrava um pouco do bairro.

O que eu aprendi com isso? A observar. Ela dizia assim: “vai pra rua e olha. Olha, olha, olha! Pergunte, pergunte, pergunte. Converse com as pessoas. Saibam o que as pessoas escondem. Tem muita gente que não quer contar as coisas e você tem que descobrir isso”. Gente, eu tinha nove anos, dez, e já estava aprendendo a literatura e o jornalismo. Então não é que desceu um anjo do céu, uma luz divina e eu tive uma inspiração. Inspiração a gente sempre fez, nós sempre aprendemos a fazer. Trabalhando no jornal *Última Hora* – desculpa se eu vou me estender – mas, trabalhando no *Última Hora*, aos 22 anos, em São Paulo, não mais em Araraquara, eu entrei um dia na redação e estava sentado lá Nelson Rodrigues. Nelson Rodrigues, que foi um dos maiores dramaturgos brasileiros. Revolucionário, inclusive, ele revolucionou o teatro, era maravilhoso! Ele fazia uma crônica por dia – por dia! – no jornal, chamava “A vida como ela é”, e ele fazia uma análise da classe média. Era sempre um drama, às vezes, uma comédia, mas sempre com um profundo sentido de observação, de captação, de uso, de costumes, de moral etc. Eu sei o que é escrever um conto por dia. É impossível escrever um conto por dia. E aquele homem escrevia. Aí eu fiquei na redação admirado, porque eu admirava o homem, olhando, olhando, só nós dois, aí ele falou: “menino” [imitando a fala rouca de Nelson Rodrigues], ele falava meio assim: “menino, que você quer?”. Falei: “Não, eu admiro muito o senhor. Eu sou um jornalista. Um dia eu gostaria de escrever, escrever assim. ‘A vida como ela é’ é uma maravilha, eu leio sempre. Como é que o senhor faz um conto por dia?”. Aí ele olhou. Olhou pela janela e disse assim: “Olha pela janela! Tá tudo aí! Agora, saiba olhar, saiba observar, saiba colher e saiba escrever”. Estava toda a fórmula pronta. Eu não fiz mais nada esse tempo inteiro se não olhar para o Brasil e olhar para as coisas à minha volta. E a minha profissão, jornalista, me ajudou muito, sabe? Me ajudou muito. O tanto de gente que entrevistei e o tanto de reportagens que fiz. E no jornal *Última Hora* a gente era obrigado a, de tempos em tempos, mudar de departamento. Então eu fiz geral, ou seja,

ir pra rua, eu fiz polícia, eu fiz estudantil, eu fiz sindicato, eu fiz tudo... fiz assembleia, todos! Então, eram todas as realidades dentro desse jornal, que era um jornal muito popular, foi criado para defender Getúlio¹⁸ e Jango.¹⁹ Depois foi destruído, com a ditadura. Aí começa. O *Zero* nasceu no momento em que, em abril de 1964, eu era uma espécie de diretor de redação do jornal, ou seja, aquele que, no fim do dia, recebia todas as matérias de todas as seções e, junto com a diagramadora, o *designer*, eu colocava na página e mandava para a gráfica, a oficina. Eu fechava a página e mandava. Fechava política, fechava internacional, fechava nacional... No dia 17 de abril, dezessete dias depois do golpe, na redação, tinha um homem novo que não tinha nada que ver com o jornal, mas tinha tudo. Era um censor. Ele sentava na mesa ao meu lado. Ao meu lado ficava a mesa dele. Ele dizia assim: “me passa todas as matérias antes de mandar para a gráfica”. Eu passei o primeiro bloco de matérias e fiquei olhando, ele: “manda embora!” O segundo bloco de matérias, de repente, ele pegou um carimbo verde: “vetado”, me deu a matéria e falou: “substitui”. Eu falei: “vetado por quê?”. Ele falou: “outra pergunta como essa e você está preso! Mudou o país, meu filho. O país é outro. Nós que mandamos e nós é que sabemos o que pode ler, o que pode ouvir, o que pode escutar” etc. etc. Ele me deu todo o decálogo da censura que, naquele momento, era uma pessoa física do meu lado. E eu passei a vida no jornal sem olhar para aquele homem. Eu fazia assim [gesto de entregar algo a alguém sem olhar, de costas]. Ninguém na redação olhava para ele. O contínuo com a matéria, às vezes, vinha de costas para ele. Ele sabia que era rejeitado. Bom, instintivamente, tudo o que ele vetou – fotografia, caricatura, entrevista, crônica, reportagem, tudo – eu joguei dentro de uma gaveta. As redações tinham mesas muito grandes, eu fui jogando dentro da gaveta e passou seis meses, sete meses, um ano, eu enchendo e levei aquele material para minha casa. Durante dois anos levei aquele material para a minha casa. Um dia, no meu apartamento, que era pequeno, tinha uma montanha de coisas. Uma atriz, muito amiga minha, a Ítala Nandi, passou pela minha casa, a gente ia para um cinema, ela falou: “o que é isso, Ignácio?”. Eu respondi: “tudo o que o Brasil não conseguiu ler. Tudo o que a censura proibiu”. Aí, ela falou: “mas é um livro?”. “Eu sei que é um livro, mas como fazer?”. Anos e anos, eu guardei aquilo e pensando: como fazer? Como fazer? Um dia, eu comecei a pegar matéria por matéria, história por história, e transformar em pequenas histórias. Formei um romance sem o mínimo sentido, sem a mínima ligação das coisas com as outras, de cinco mil páginas. E aí eu comecei a limpar, limpar, reescrever e ligar as coisas e o que você tem dentro do *Zero* não tem nenhuma palavra inventada, todos os fatos são reais. Os próprios depoimentos dos torturados pertencem a uma época em que eu já trabalhava na Editora Abril, na revista *Cláudia*, e eu frequentava o arquivo e, pelo arquivo, passavam cartas que vinham das penitenciárias denunciando tudo o que ocorria, todas as loucuras, a violência, o desespero, e aquilo era mandado por canais para Europa. Nunca se conseguiu saber por onde iam. Então, jornais, conventos e outros é que mandavam esse material para fora. Então, os depoimentos que estão dentro do *Zero*, de torturas, são reais. Mudei os nomes. O que eu tive no fim? Um livro que é um documentário. *Zero* não é distopia. *Zero* é um documentário. *Zero* não tem nada inventado, a não ser a forma, porque aí eu coloquei o barulho da cidade, a violência da cidade, coloquei tudo do Brasil. A primeira versão não tinha a palavra “Brasil” porque seria a denúncia do livro. Um dia, o livro foi proibido. Claro! *Não verás país nenhum*. Agora vocês querem fazer perguntas antes, no meio, pra virar diálogo, ou vou falando?

Júlia: Conta a história do *Não verás!*

Ignácio: Ou estão todos dormindo já?

¹⁸ Getúlio Vargas (1882-1954) foi presidente do Brasil de 1930 a 1944 e de 1950 a 1954.

¹⁹ João Goulart (1919-1976) foi presidente do Brasil de 1961 a 1964.

Gabriela: Não! Pode continuar falando do *Não verás* para o pessoal ter essa comparação de como foi essa mudança de processo.

Ignácio: Bom, claro! *Zero* teve um sucesso curioso porque foi o primeiro livro publicado fora do Brasil em sua primeira edição. Antes dele, só Jorge Amado tinha tido um livro publicado fora do Brasil, que era uma biografia do Luís Carlos Prestes em forma de romance. E todos que leram, jamais denunciaram o livro como um livro que era o retrato da ditadura. Eu publiquei mais um livro, *Dentes ao sol*, que é um livro que se passa em Araraquara, onde a Gabriela foi muito feliz. Que bom que alguém foi feliz na minha terra! Sabe? Porque eu saí de lá porque eu era infeliz, mas hoje eu sou feliz! Mas, um dia, eu vi uma notícia... tem vários momentos na minha cabeça em que tem o início desse livro. Um deles é: um dia, lendo jornal, teve uma notícia muito estranha para minha cabeça. “Nevou no deserto do Saara.” Eu falei: como neva no lugar mais quente do mundo? Recortei essa notícia. Eu recortei. Eu tenho costume de recortar notícias. Recortei e fiz pesquisas e não consegui nada sobre isso. A não ser que tinha grupos pelo mundo, naquele tempo, ainda, durante os anos 1970, não se falava em meio ambiente, ecologia etc. Lembro que existia já o Lutzenberger²⁰, que era já um estudioso que escreveu um livro, mas aquela notícia ficou na minha cabeça. Outra vez, uma notícia sobre tainhas que, nos rios de Santa Catarina, nasciam cegas, claro, por envenenamento das águas. Recortei a notícia. E uma terceira notícia que, lembro, me chamou muito a atenção, foi de negros que, por ação de sol sobre a pele, a pigmentação desaparecia e eles ficavam brancos. Não é o albino, não. Era uma epidemia dermatológica, sei lá! E era devido ao sol. Recortei aquilo e, daí adiante, passei a recortar tudo que era coisa. Aí deu uma “louca”, me chamou atenção para as coisas, recortava, recortava tudo. Um dia, uma notícia que me espantou. Cientistas do mundo dizendo que não era problema o petróleo faltar. O petróleo iria faltar, mas o homem devia estar preparado para produzir a energia de alguma maneira. O grande problema seria a falta d’água. A água vai faltar no futuro, ele dizia. Se faltar água, estamos mortos. Li uma outra notícia sobre o degelo dos polos e da Antártida. E esse degelo, num outro artigo já, de um cara da Fapesp²¹, de um cientista, um pesquisador da Fapesp dizia que a água do mar iria subir, subir, subir e invadir o litoral e as cidades do litoral iriam aparecendo. Falei: gente, tá muito louco tudo isso! Muito louco tudo isso, mas tem aqui alguma coisa. Você sente quando você tem um assunto. O que a gente tem que fazer é: como fazer esse assunto? O que fazer com esse assunto. Aí você fica alucinado. O tempo inteiro você só pensa nisso, só pensa nisso. Eu dormia pensando, ia pro trabalho pensando. Como trabalhava em revista, sempre, tudo que era da revista eu cortava. Numa certa altura, eu tinha quatro mil recortes sobre meio ambiente. Um dia, eu me lembrei de um episódio de criança, em que uma mãe meio alucinada... o filho fugia para brincar com a gente na rua. Isso quando eu era criança também e brincava. A mãe não deixava, e trazia ele para dentro de casa. Um dia essa mãe deu uma tesoura para esse menino e falou: “fica aqui, fica cortando aqui as árvores, as folhinhas da árvore do jardim.” E o menino gostou e devastou o jardim da mulher, não sobrou nada. Ela ficou louca de raiva. Os pais se reuniram, “a senhora deu pra ele e tal”. Aquilo ficou na minha cabeça e eu escrevi uma história infantil, *O homem que espalhou o deserto*, dizendo desse menino que começa destruindo o jardim da mãe, a horta da mãe, e a árvore da mãe e vai ampliando até derrubar as árvores do bairro e da cidade etc., e publiquei. Esse livro foi publicado muitos e muitos anos. E aquilo continuava na minha cabeça. Finalmente, aqui o livro começa. Eu morava num bairro em que tinha um grande ipê amarelo. Uma copa imensa, amarela, linda, linda. Depois caíam as flores no

²⁰ José Antonio Lutzenberger (1926–2002) foi um ambientalista brasileiro, autor, entre outros livros, de *Fim do futuro: manifesto ecológico brasileiro*, de 1976.

²¹ Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

chão. Para usar um clichê, era um tapete amarelo. Aquela árvore era uma espécie de símbolo, de mais forte do bairro. Era bonito quando ela se engalanava. A árvore começou a secar e morreu. Eu, como levanto muito cedo, sempre levantei cedo. Eu começo a trabalhar de manhã. Hoje, quando eu tenho um projeto, levanto às cinco da manhã e vou até às onze, direto. Depois é que eu abro o computador, vou ver jornal e essas coisas, mas, nesse momento, não tem telefone, não tem nada, nada, nada e só. Eu sempre fui para padaria antes da empregada e, conversando com o dono da padaria, contei a história do ipê e ele falou: “sempre que eu chegava aqui, às quatro da manhã, aquela mulher, acho que era do 67 do bairro, estava lá regando a árvore. Aí eu e o outro lá: “tá bom, árvore precisa de água”. Mesmo quando chovia? Então, aquilo na minha cabeça... “mesmo quando chovia?” Liguei para a professora Nanuza Menezes²², do Departamento de Botânica da USP, muito ligada ao professor Aziz Ab’saber²³, que foi um dos grandes ecologistas da USP. Já morreu. Eles mandaram fazer uma biópsia da árvore e confirmaram: ela foi morta. Um grupo da quadra, onde a gente morava, foi falar com a mulher. Ela nos atendeu, uma mulher de uns sessenta e poucos anos, classe média, simpaticíssima. “Mas o que vocês querem?” “Ah, o caso da árvore, ela foi envenenada. A gente quer saber, a senhora regava sempre, a senhora envenenou essa árvore?”. Ela falou: “Claro!”, com a maior naturalidade, “claro!”, “mas por quê?”. “Olha, gente, porque essa maldita árvore sempre sujou a minha calçada com essas flores desgraçadas”. O livro nasceu aí. Aquilo chocou, não só a mim que tinha já uma coisa dentro de mim com essa história de meio ambiente, sem ser militante, mas os outros também... não é possível! “Flores desgraçadas”. Aí veio a história do menino que devasta tudo com a tesourinha dele. E aí veio: por que não uma personagem, uma história, um conto de uma rua que não tem mais árvore. Mas rua é pouco. Um bairro que não tem mais árvore. Não, uma cidade que não tem mais árvore. Não, um estado que não tem mais árvore. Não, um país inteiro. Quem faz literatura tem essa coisa. Eu aprendi a trabalhar com absurdo desde que eu li *Alice no país das maravilhas*. Não existe absurdo. A literatura aceita tudo. *Alice no país dos espelhos*, *Gulliver*. Eu tive sempre encanto com essas coisas e meus professores diziam: “é isso mesmo, menino!”. O professor de português, já no ginásio, o Jurandir, dizia assim: “a realidade é mais absurda que o absurdo, meu filho! Leia *A Metamorfose*”. Eu li *A Metamorfose* e, de cara, o livro começa “naquela manhã, depois de sonhos atribulados, Gregório Samsa acordou transformado em um repulsivo inseto”. Seria uma barata, um besouro, algo nojento, coisa assim. Eu falei: “professor, não pode”. Ele falou: “não pode? Ele fez. *A Metamorfose* é um livro que mudou a literatura no início do século XIX. Mudou. Kafka não teve medo de fazer isso e aí está toda a história da Alemanha, toda a história dos judeus, toda a história dos russos, da sociedade, das relações dele. Então, meu filho, não tenha medo.” Pronto. O Brasil, portanto, não tem nenhuma árvore e o Amazonas é um deserto. E aí eu comecei a escrever o livro. Comecei a escrever o livro e eu falei: onde não tem árvore, não tem água. São Paulo é uma cidade imensa rodeada por um muro eletrônico e a cidade tem 60 milhões de habitantes. Eu já via São Paulo sendo tomada, tomada pelas pessoas e as coisas. Eu ando muito, eu olhava na cidade, eu via grades nas janelas, eu via o surgimento das luzes iluminando portões. Hoje são câmeras e luzes e tudo gradeado. Já tinha bairros grã-finos com a alta classe média, como o Alphaville, fechados. Então, a elite fechada, fechada, fechada. Eu falei: agora é o horror. Quero fazer o horror, quero fazer a loucura. Não tem água, é urina reciclada.

Júlia: Não estamos muito distantes, né, Ignácio? Acho que...

²² Nanuza Luiza de Menezes é professora titular do Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da USP.

²³ Aziz Nacib Ab’Saber (1924–2012), geógrafo e professor na Universidade de São Paulo (USP).

Ignácio: Estava muito distante, mas era pensar que isso pode acontecer, sabe? Eu tinha lido, é evidente, o *Admirável mundo novo*. Eu nunca tinha lido *1984*, mas eu tinha lido *Admirável mundo novo*, mas *Admirável mundo novo* era, para mim, uma sociedade altamente técnica, tecnológica, altamente evoluída etc. e o Brasil era um lúmpen. Com essa política já, as pessoas perseguidas e a miséria e tal, aí, o livro eu tinha que escolher um personagem. Claro! Um professor de história aposentado. Esse professor tem um furo na mão. Como é que apareceu esse furo na mão? Esse furo na mão, eu estava um dia na redação da *Claudia*. Não tinha nada que fazer, era um dia absolutamente entediante com aquilo tudo. Às vezes, não tinha matéria, nada. Eu já tinha lido os jornais, e eu ficava lá. Eu fiquei com a caneta assim na mão, sabe? Saco cheio e você fica, fica, fica, fica, fica, fica, e fiz algo assim [mostra a palma da mão com vários círculos riscados com caneta azul] dá para ver aí? Nesse momento passa pela minha mesa Jorge Andrade. Pesquisa aí: Jorge Andrade, um dos grandes dramaturgos brasileiros, também mudou o teatro na década de 1960 com *Os Ossos do Barão*, *Vereda da salvação*, *A Moratória*, e o Jorge era também jornalista. Alguns escritores vivem dos livros, outros vivem de uma profissão. Eu fui jornalista a vida inteira. Bom, o Jorge passou pela minha mesa e era um homem altamente criativo, olhou, viu aquilo e falou: “o que é isso, Ignácio?”. Eu falei: “Um furo na mão, Jorge”. Ele pegou a deixa e falou: “mas, como aconteceu?”. Falei: “Eu vinha para cá, coçou, coçou a mão. No elevador, ele apertou e saiu isso: “Nossa! Nem o Pitanguy faria um furo tão perfeito! Mas, cuidado! Na Abril, estão demitindo quem tem furo na mão”. Rimos. Eu logo fui para casa, tinha recém-casado com a minha primeira mulher, a Bia, uma psicóloga. Cheguei em casa, fui direto pra mesa e ela falou: “O que é isso na mão? Vai lavar a mão!”. “Um furo”. “Como?”. Conteí. Ela falou: “Ai, meu Deus! Aqui, no prédio, estão despejando quem tem furo na mão”. “Por que, Bia?”. “Quem tem furo é uma pessoa diferente e os diferentes assustam. Os diferentes incomodam. Os diferentes você nunca sabe o que pensar deles”. Peguei, fiz um conto de dez páginas de um homem que tem um furo na mão, é demitido, sai pela rua e começa a conhecer uma cidade nova, que é essa cidade sem árvore, com água que não é água, uma certa violência e algumas pessoas com furo na mão. Escrevi isso e deixei. Passei dez dias pensando nisso e sentei e comecei a escrever *Não verás país nenhum*. Eu queria começar com o horror. Eu sempre tinha tido uma inveja muito grande do Guimarães Rosa que começou *Grande Sertão: Veredas* com uma palavra que todo mundo falava: nonada, nonada, nonada. Eu falei: nossa! Eu quero uma palavra. Passei semanas no dicionário procurando uma palavra que fosse uma coisa nojenta, terrível, horrorosa etc. Encontrei “mefítico” e usei. Nunca ninguém prestou atenção no mefítico. Não aconteceu nada com o mefítico, mas, enfim, aí o livro começou a deslanchar. O livro foi produzido a partir disso. A um certo momento, eu tinha um horror tão grande de tudo o que estava acontecendo porque eu sentia muito calor dentro do meu apartamento. Não estava quente, mas eu sentia quente porque era a atmosfera do que eu estava fazendo. Ninguém vai ler isso. Ninguém vai ler esse horror. Parei e voltei – já tinha escrito cem páginas – voltei colocando uma enorme ironia em grandes momentos de um humor negro, que é o que suporta a literatura, e quando o livro foi publicado eu falei assim: só sadomasoquista vai ler isso. Vai vender zero. Já vendeu um milhão até hoje. Você não sabe o que você faz, às vezes! Não sabe! Mas, na verdade, você sabe.

Júlia: [risos] Você estava falando, quando você estava recolhendo os recortes e começou a ver os desastres ambientais, você dizia: “ah! isso tudo tá muito louco, tem alguma coisa estranha acontecendo”. Agora mesmo você mencionou o início do livro. No *Não verás*, o começo do livro marca muito uma construção bem sinestésica. A construção ficcional joga muito com os componentes descritivos que provocam os sentidos. Então, no começo do livro você menciona o fedor dos cadáveres, o lixo, os

excrementos, o cheiro de morte, de decomposição, e, além disso, você narra os esgotos a céu aberto, o cheiro dos inseticidas – eu digo “você”, mas seu narrador, né?

Ignácio: Eu!

Júlia: ...dos animais mortos etc. e, a certa altura do início da narrativa, o narrador vai dizer algo como: “Forma-se uma atmosfera pestilencial que uma bateria de ventiladores possantes procura inutilmente expulsar. Para longe dos limites dos oikoumenê, palavra que os sociólogos, ociosos, recuperaram da antiguidade, a fim de designar o espaço exíguo em que vivemos. Vivemos?” O narrador encerra esse trecho com a pergunta: “Vivemos?” Quarenta anos depois, Ignácio, eu transfiro a pergunta para você. A pergunta do narrador para você, depois desses 40 anos do livro, da criação, da invenção, da elaboração, dessa prosa de ficção: vivemos?

Ignácio: Então vou te dizer, Júlia, que o meu novo livro – já está quase pronto – tem um título provisório, provisório de *Deus, porque você não diz claramente o que quer de nós*; que é uma frase da Simone de Beauvoir²⁴. Esse livro se passa quando mais de 200 milhões de brasileiros já morreram e o Brasil é um grande túmulo. O personagem principal, o Lázaro, e a mulher, Neluce, passam o livro perguntando, primeiro: “o que aconteceu?” e segundo: “estamos vivendo?” Eu não sei se estamos vivendo. Eu faço a pergunta. Eu venho aqui para incomodar, eu venho para cutucar, eu venho para forçar. Quem vai dar a resposta são vocês, são os cientistas, são os políticos e tal, mas eles também não têm resposta porque, se isso é vida, é uma vida muito ruim. E essa vida começou lá atrás. Eu nunca imaginei que podia piorar e piorou. Piorou. A gente vive emergencialmente. Quando chega um momento em um país em que as pessoas... esse livro é a continuação do *Não verás*, mas o que acontece no *Não verás*? Hoje, as pessoas estão indo aos depósitos de lixo dos supermercados para pegar osso e fazer sopa. Quando você imaginou que isso fosse possível num país como o nosso? É absurdo. Não é! A realidade é pior. A realidade é pior. Então, eu é que pergunto: vivemos? Eu... a gente sobrevive! A gente sobrevive. Isso não é vida. Isso não é o que nós queremos, entende? Então, no fundo, o livro – eu detesto a palavra “denúncia” – mas, o livro é algo que mostra a realidade. É o meu olhar. Eu sou uma câmera e o *Não verás* foi uma câmera. Se eu fui previdente? Não. As coisas já estavam acontecendo. Foi muito curioso porque, nessa cidade de São Paulo, de 60 milhões de habitantes, da qual ninguém escapa porque tem essa muralha eletrônica, lancei o livro *Não verás país nenhum* e, um mês depois, eu mudei para Berlim. A convite de uma instituição, fiquei lá dois anos. Era março de 1982 e, quando o avião sobrevoou Berlim, o que eu vi, a primeira coisa? O muro de Berlim inteirinho rodeando a cidade porque depois o avião vai descendo e você vê a cidade. Eu falei: São Paulo está rodeada. Olha o mundo, olha essa cidade alemã e olha São Paulo. Minha São Paulo rodeada e por câmeras de vigilância. A cabeça confunde. A cabeça é muito esquisita. Que literatura é essa que eu estou fazendo? Por que eu estou fazendo isso? Eu mesmo às vezes não sei. Ainda que às vezes eu saiba exatamente pra que é: é para chocar, é para mexer com você, é para que mudem as coisas. Não é uma revolução, é que cada um fale assim: “não quero viver isso!” e aí a gente vai ter que tomar uma providência, cada um tomar a sua. Está claro? Não?

Gabriela: Com certeza, Ignácio. Eu vou aproveitar que a Júlia fez essa entrada no livro, falou um pouquinho da sinestesia. Ontem, a gente conversou um pouco e uma outra coisa que a gente ficou se perguntando é a relação de *Zero* e também de *Não verás país nenhum* de como os dois têm esse compromisso em relatar o tempo como um tempo circular. Um tempo que é um presente eterno, que nunca termina. Então, tem uma relação muito forte entre aquilo que é o tempo da narrativa e a circularidade

²⁴ Simone de Beauvoir (1908-1986) foi uma filósofa e escritora francesa.

do tempo, que não avança e nem retrocede. Parece estar sempre preso aos dramas ali, daquele cotidiano que nunca se esgota, de cada personagem que vai se intensificando cada vez mais. No caso de *Zero*, até pelo próprio número isso é nítido, esse formato circular do tempo, enquanto em *Não verás*, na narrativa, ela nos diz que o tempo é sempre dia primeiro. Todo dia é dia primeiro de algum mês de um ano que pouco importa, pouco importa de que mês, porque todo dia é dia um. E aí esse tempo circular, presentificado, qual foi o efeito que você buscou nessas escolhas? O que essa questão do tempo circular representava para você naquele momento?

Ignácio: Eu vou te confessar que eu não pensei em tempo circular, eu não pensei em nada. Pensei no tempo parado. Eu pensei o seguinte: em que tempo se passa isso? Esse tempo não era 1980. Esse tempo era um tempo que se passava no futuro e, no fundo, esse livro é narrado do futuro para trás. Ele é um olhar sobre o passado que chegou naquele momento. E o que eu queria seguir... na verdade, ninguém mais tinha noção do tempo. Não tinha mais... não importava se fosse dia, se fosse noite, se fosse manhã, se fosse o quê. Entende? O que importava? Importava viver de alguma maneira e você já não sabia mais quantos anos você tinha, o que era sua relação. O Souza e a mulher não sabiam há quantos anos eles estavam casados. Não tinha nenhuma informação sobre a mulher dele e as pessoas iam perdendo a relação porque o tempo estava perdido e esgotado. No novo livro, o que acontece? – nesse novo, que ainda não publiquei – O Lázaro, um dia, olha e o relógio está voltando para trás e, à medida que a ação anda, o tempo vai para trás, o tempo vai para trás, porque está acabando a cultura, está acabando o cinema, está acabando o teatro, estão acabando as relações com as coisas, aí voltando, voltando, até chegar à pré-história. E o final do livro são as pessoas tentando sair da pré-história para voltar para cá. O tempo, nesse novo livro, também não existe. Você não sabe nunca que dia é, que hora é, o que é, o que faz. O personagem principal sabe. Mede o tempo por quê? Porque tem uma banca de vender coisas inúteis – ele sabe das pessoas compram só coisas inúteis – diante de um muro branco e tem sempre um caracol subindo e ele mede o dia, a hora, pelo caracol que está subindo, subindo, subindo e, quando chega lá, aparece outro caracol. Eu gosto de mexer com o tempo e fazer desaparecer o tempo. Você não saber onde você está, em que tempo você está, e o que é que está acontecendo. Às vezes, faço sem saber que estou fazendo. Eu não faço de propósito. Faço porque me ocorre de fazer assim. Não tem muita racionalidade quando a gente escreve ficção. Tudo é permitido. O que importa o tempo? O que é o tempo? Não sei. O que importa se passou no século passado ou nesse século? O que interessa é a sua condição de gente vivendo sem ser gente, sem poder ser gente. Como é o que a gente está vivendo nesse momento, sabe? Nesse momento. Não sei se está claro. Essa é a explicação sobre as minhas coisas. Eu não tenho explicação, não. Acontece do jeito que eu quero que aconteça. Agora, eu não tenho culpa se escrevi *Não verás* e a realidade me copiou. Porque tá tudo aí. Eu estive, semana passada, em Maceió. Não sei se vocês sabem que há um bairro inteiro, enorme de Maceió, sobre uma mina de sal-gema e é explorada por uma multinacional. Essa empresa cavou, cavou, cavou embaixo da cidade e a cidade está desmoronando. Já os habitantes daquele bairro se mudaram. Alguns ainda receberam indenização. A Globo até chegou a fazer uma matéria, mas tinha muito problema e compromisso de uma multinacional e não contou tudo. A professora que fez a mediação no meu encontro lá, em Maceió, teve que sair desse bairro. Então esse bairro vai desaparecer, uma parte de Maceió vai afundar. Várias cidades do litoral do Nordeste já estão tomadas pelas águas. As casas um pouco depois da praia e uma, duas ruas já estão sumindo. E, no Rio de Janeiro, hoje, eu li uma notícia e também tem uma vila do litoral do Rio está desaparecendo comida pelas águas. Então, isso estava sendo dito lá atrás. Eu usei, sabe? Eu usei. É transformar em possível aquilo que parece impossível. Um dia isso acontece. Isso acontece. Deserto no Amazônia? Olha o Amazônia. O que está

acontecendo? E vai um presidente lá dizer na Europa, sei lá onde foi que ele foi dizer isso, que Amazônia não queima porque a mata é úmida. Ele não sabe nada de nada esse homem tosco, ignorante. Não sabe nada de nada. Problemas gravíssimos [...] se o centrão vai ou não dar o *impeachment* para um homem já devia ter sido “impichado” há muito tempo. A coisa é muito grave do ponto de vista ambiental. É bastante grave. E nós estamos quietos.

Gabriela: Sim, tem até um momento, Ignácio, na sua obra, em que você vai falar das monções de calor que levam as pessoas a óbito, ali, no *Não verás país nenhum*, e esse ano a gente também testemunhou as tempestades de areia, as ondas de calor muito fortes. Então, no fundo, é bem o que você falou lá, no início, basta olhar pela janela que o material está dado, basta saber observar.

Ignácio: Você vê, Araraquara, a tempestade passou por lá, passou em Ribeirão, passou em Franca. Entende? Matou gente. Você imagina uma tempestade de areia! Quem iria imaginar, em Araraquara, uma tempestade de areia como tem no deserto? Como nos filmes, mas está lá, está lá. Se bem que Araraquara, 3 bilhões de anos atrás foi um deserto. Você sabia, né? Dos dinossauros estão lá as marcas ainda. E tem os dinossauros da política também. Saíram de lá, do deserto.

Gabriela: Acho que a Júlia deve estar com algum problema de conexão. Enquanto isso, Márcio, eu não sei se nós temos também? A Júlia pediu para lembrar ao público também, se quiser, deixar alguma pergunta no chat [fazendo referência aos comentários da transmissão ao vivo]. Não sei se já apareceu alguma coisa.

Márcio: Nós temos várias questões e vários comentários aqui.

Gabriela: Que ótimo!

Márcio: Posso fazer uma primeira rodada de questões.

Gabriela: Isso! Depois a gente retoma.

Márcio: O Ignácio resolve o que ele quer comentar.

Ignácio: Vai perguntando aí!

Márcio: Vou ler aqui os comentários que fizeram e você escolhe o que quiser responder.

Ignácio: Vai fazendo um por um porque eu não vou conseguir guardar.

Márcio: Vamos lá! Aqui tem alguns comentários parabenizando. O José Nascimento diz: “grande Ignácio de Loyola Brandão, sem dúvida, um dos mais talentosos escritores da nossa literatura. Merece todo respeito e admiração. Abraço.” Deixe-me ver. Tem mais um outro, aqui, antes... O Sérgio Henrique Vannucchi Leme de Mattos diz o seguinte: “Alexandre Vannucchi Leme e todos os outros assassinados pela ditadura, presentes!” Aqui uma pergunta agora. Tadeu Melo pergunta o seguinte: “Ignácio, você acha que a humanidade é capaz de se corrigir? Corrigir seus rumos?”

Ignácio: Eu acho? Eu não acho nada! Eu acho só uma coisa, penso só uma coisa: que o homem não é suicida. Eu acho que quando a água bater na bunda firmemente, fortemente, eu acho que alguma coisa vai acontecer, porque ninguém quer morrer e a gente está caminhando para a morte, não tem outra coisa. A ciência já tá mostrando esse perigo mais do que nunca! Mais do que nunca! Tsunamis em lugares que nunca tiveram tsunamis. Nunca teve tanto terremoto. Nunca teve tanto vulcão em erupção. Então, eu acho que a gente não é suicida. Se for, eu espero ter ido embora antes.

Márcio: Sérgio Henrique Vannucchi Leme pergunta: “A inteligência artificial é uma ameaça tão perigosa como a crise ambiental?”

Ignácio: Que sei eu? Não há quem responda essa pergunta. Perigosa por quê? Os robôs vão substituir os humanos? Sei lá! Aí já entra na ficção científica e minha ficção é político-burocrática.

Márcio: Eu vou aproveitar que eu estou aqui com a palavra e vou provocar um pouco em relação a essa coisa da urina reciclada. Talvez um dos trechos mais impactantes, para mim pelo menos, desde quando li isso pela primeira vez, há vinte anos, já foi esse trecho da urina reciclada. Conta um pouco mais para nós sobre essa ideia da urina reciclada, como que vem?

Ignácio: Conto! Veio... Antigamente, em Paris, quando você ia a Paris, tinha uns mictórios nas ruas que eram... tinha apenas um anteparo, você ficava encostado, fazia seu xixi e ia embora. E eu, como araraquarense, achava aquilo muito esquisito. Quando eu estava escrevendo o livro, aqueles mictórios voltaram à minha cabeça. Falei: mas como eu uso? Ah! Bom, esses são mictórios instalados pelo governo. Você urina ali, essa urina vai para um reservatório e depois essa urina – porque não tem mais água – é reciclada para beber ou tomar banho etc. Daí o problema grande que tem no livro inteiro da água, do contrabando da água, do tráfico de água etc. Lembrei disso e coloquei. Fiz porque eu não me detenho diante de nada. Passados alguns anos, eu assisti àquele filme do Kevin Costner. Eu acho que se chama *Waterland*,²⁵ em que ele vive no oceano, numa balsa de madeira, e num determinado momento, ele vai a um cantinho e faz xixi numa lata e aí ele diz que é uma urina que vai ser reciclada como água para ele beber. O *Não verás* já tinha sido lançado nos Estados Unidos, foi lançado em *pocketbook* nos Estados Unidos. Chamava *And still the Earth* (Ainda há Terra). O dia que eu encontrar com ele eu vou falar: “Ô, Kevin, você plagiou o meu livrinho?” Porque ninguém tinha falado ainda em beber urina, eu que falei primeiro. Então nasceu aí, nessa coisa. Você tem que encontrar solução para as coisas e a solução mais maluca é a solução que eu ponho. Há um momento que, para mim, é de poesia, porque as pessoas sentem muita falta de cheiros, cheiros naturais. Cheiro da terra molhada, cheiro de grama cortada, cheiro de bosta de vaca, cheiro de ovo frito, entende? E centenas de outros cheiros. Onde nasceu isso? Num sábado à noite, eu saí da minha casa, eu já tinha me separado da primeira mulher, estava sozinho e fui ao supermercado. Era sábado à noite, tinha pouca gente, fui ali pelo corredor, na minha frente tinha um casal de meia idade e, de repente, a mulher soltou um pum. Pow! Alto. O homem ficou assim... ela pegava a saia e fazia assim por causa do cheiro. Eu me escondi na gondola, assim, como era possível. Ele correu para a prateleira e pegou um spray de lavanda. Naquela época tinha sprays apenas de lavanda, que era para higienizar banheiro, banheiro de boate, de hotel, cinema etc. Na mesma hora eu falei assim: Que engraçado! Um spray para mudar cheiro. Por que não um spray com cheiro de bosta de vaca? Por que não um spray com cheiro de rosa? Por que não um spray com... Você tem que ser ágil e as coisas vêm naturalmente. Cada uma, cada uma tem essa coisa. Então, um peido deu o cheiro das coisas, que é um momento de poesia, eu acho, dentro do livro. É isso.

Júlia: é simplesmente genial essa ideia! É muito boa!

Ignácio: [rindo] mas é! Está tudo em volta e não tem problema nenhum. Olha! Olha! Não precisa ficar pensando. Usa! Usa o material que está aí. Usa o material da natureza. A grande literatura sempre foi feita aí, no sentimento, sentimentos que a gente vive, dos que vivem com a gente, emoções, e tudo o mais. Agora, é muito divertido você inventar, é muito divertido você fantasiar. Lembro que uma primeira redação que eu fiz, lá na infância, eu não tinha assunto e eu vi no rádio um anúncio de um circo que

²⁵ O filme a que o autor se refere tem o título de *Waterworld – O segredo das águas*, de 1995.

vinha com uma girafa. Eu nunca tinha visto girafa. Em Araraquara, veio esse circo, então eu escrevi uma redação em que vem uma girafa com pescoço de duzentos metros e esse pescoço se enrosca nos fios, nos galhos das árvores, não é? Quando eu era criança, a cidade era muito arborizada, Gabriela, ela perdeu aquela vegetação imensa toda. Uma pena! Bom, e aí a Lourdes, professora, me deu 100. A nota era de 0 a 100. Uma menina reclamou: “Ah! O Ignácio inventou uma mentira e a senhora deu 100. Por quê? Eu fiz uma redação” – nem lembro a redação que ela fez, falando um problema, sei lá, da mãe que era lavadeira, qualquer coisa assim – “e a senhora me deu 60 e pro mentiroso aí a senhora deu 100!” “Não é mentira, é invenção!” “Que invenção?” Ela falou: “sabe o que é isso, menina? Fantasia.” Ela: “E o que eu faço com a fantasia?” – até hoje eu guardei a pergunta – “A fantasia vai te ajudar a suportar a vida.” Ou nós temos fantasia hoje, ou não a gente não vai suportar o que está aí. Como é que esses professores sabiam essas coisas? Sabe? Isso é fantástico!

Júlia: Vou aproveitar o ensejo...

Márcio: Júlia, deixa só eu fazer uma leiturinha rápida de um trecho?

Júlia: Claro! Claro! Por favor.

Márcio: É que, falando dos cheiros, eu achei um trecho muito relevante aqui, no livro, em que eles vão comprar cheiros, justamente o que o Ignácio estava falando. Também, nos comentários do YouTube, aqui, a Teresa Melo diz o seguinte: “às vezes almejo um incenso com cheiro de bosta de vaca do sítio da minha avó.” [risos] mas, aqui no trequinho ela diz o seguinte, a Adelaide:

– Pensei em comprar uns cheiros. Essa ideia até que não é ruim. Viu? A gente sempre acha uma coisa que precisa.

– Vamos procurar um Cheiro de Fim de Tarde. E também um de água na terra seca. Era tão bom. Um dia quente, o pó, vinham aqueles pingos, batiam forte, o pó subia, o cheiro também.

– Estão em falta – disse o caixeiro.

– Do que tem?

– Folha Seca, Folha Podre Úmida, Eucalipto no Fim da Tarde, Coqueiro [...]

Márcio: tem uma infinidade. E aí ela pergunta:

– Nacionais?

– Só o de Bosta de Vaca, o Roupa Passada, o Gás de Escapamento e o Quarto Fechado Há Longo Tempo.²⁶

Júlia: Tem mais um! Eu sei que é do hálito da Adelaide, mas o cheiro de groselha para mim é sensacional porque também lembra muito a minha infância!

Ignácio: Eu adorava groselha! Ainda existe! Ainda existe! É muito curioso, por exemplo, quando eu fui escrever esse trecho eu fiquei pensando, fazendo lista de cheiros, fiquei olhando coisas, jogava água na coisa... levei três dias para fazer uma lista de cheiros. Vocês não pensem que sai assim. Não! Tem que perguntar, analisar e tal, tem que cheirar! Eu cheirava na janela, as pessoas para ver. Entende? E aí você passa para literatura.

Júlia: Ignácio, você falou uma coisa que me deixou curiosa. Você estava respondendo a Gabriela antes, e você disse “ah! a minha literatura não é distópica, ela é política.” E aí eu estava pensando...

²⁶ BRANDÃO, Ignácio de Loyola. *Não verás país nenhum*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d, p. 78.

Ignácio: ela é distópica também!

Júlia: Sim!

Ignácio: Eu disse que o *Zero* não é distópico.

Júlia: É verdade!

Ignácio: O *Zero* é político-burocrático e continua a ser distópico e político-burocrático.

Júlia: Eu estava pensando no *Zero* em relação ao *Não verás* quando me veio essa dúvida porque entre *Zero* e *Não verás* tem algumas coincidências que eu fui pinçando. Então, por exemplo, as figuras femininas têm umas marcas conservadoras, a despeito da hipocrisia da Rosa, mas a aparência é conservadora. A Adelaide é muito conservadora nos costumes. Os personagens principais, o José e o Souza, eles são bastante sinestésicos, eles veem manchas quando ficam tontos. Os dois têm uma coisa em comum também que os dois mancam. O José manca a narrativa inteira, mas o Souza tem alguns momentos em que ele manca. Esses mesmos personagens são supertragados pelos acontecimentos e, por causa dos acontecimentos, eles vão ficando cada vez mais kafkianamente apáticos, inertes, embora tal inércia e apatia paradoxalmente acabem movimentando a narrativa, as duas narrativas. O Zé e o Souza, eles não têm sequer vontade de viver e isso é anunciado explicitamente, assim: “ah! eu não quero mais viver!”. Tanto o *Zero* quanto o *Não verás país nenhum* jogam com o absurdo. Em *Zero*, tem aquela frase que, para mim, é muito forte, que é: “A vida virava zero”. E, em *Não verás* não tem a frase, mas permanece o clima de “a vida vai virando zero”, apesar de ser sempre o dia primeiro, e aí o jogo com os números, zero e um, é uma coisa que também tem em comum. Enfim, são inúmeras as semelhanças que eu fui anotando e aí, claro! *Zero* tem explicitamente a presença de um regime opressivo, ditatorial, repressivo, militar, violento, que tortura e, em *Não verás* há a presença militar forte, só que é uma presença um pouco diferente – não sei, me corrija se tiver errada – porque é uma presença mais vigilante, de controle enquanto o ser humano vai sendo humano e responsável pela degradação, pelos resultados ambientais que configuram o cenário, ali, da narrativa. Mas ambas as obras possuem uma presença muito forte, eu diria, meio que temática orientadora e você me fez pensar isso agora, da política e da degradação. Acho que a política e a degradação articuladas e imbricadas numa apatia das personagens porque é meio paralisante ao mesmo tempo. Quando você falou de parar o tempo também me fez lembrar isso. É como se a política e a degradação, na minha leitura, meio que se retroalimentassem de tal forma circular que, diante desse movimento constante e abafado, não houvesse o que fazer e, daí, a apatia. Eu queria te pedir para comentar um pouco mais sobre essa relação: a apatia, a inércia, a política e a degradação nos dois romances.

Ignácio: É verdade! No *Zero* a apatia é provocada pela violência e pelo medo. No *Não verás* e no *Desta terra nada vai sobrar*, é provocada mesmo por um desencanto com tudo porque olhando de repente... No *Zero*, aliás, no *Não verás* eu já previa o que eram as milícias. O sobrinho do Souza, ele é da milícia e as milícias impõem o medo também. Então o medo leva a esse desânimo, essa apatia. Nós estamos nesse momento vivendo isso. Eu sinto uma apatia e cadê a reação? Nem para as ruas as pessoas estão indo. As pessoas cansaram de ir para a rua, cansaram de tudo. As pessoas não se defendem mais. As pessoas não lutam pela própria vida. Nós estamos aqui, e essa *live* é uma *live* de resistência. As *lives* que têm acontecido são *lives* de resistência. Mas será que, desligando isso aqui, você não vai jantar e esquecer tudo? Eu, às vezes, sou descrente dessa força do homem para sobreviver e a pandemia foi um momento que desarranjou mais ainda as cabeças. Ela bagunçou tudo. Porque polarizou

e trouxe ódio entre as pessoas. Esse ódio, esse mal-estar, essa malquerença. Cadê a mão que te estende? Não tem mais mão que se estende. É isso que eu quero mostrar como um momento do país, um momento do mundo, talvez. Eu acho o homem muito parado, muito passivo. Não sei se é o medo. Hoje mais ainda, qual é o problema se cada um está enfiado dentro de si mesmo e do seu telefone? Do seu telefone. Não tem mais comunicação. Quando tem comunicação é pra trocar lives ou twitters agressivos, violentos, desagradáveis, de ofensas e de insultos etc. É complicado o que a gente vive. É complicado o que a gente vive! Eu não sei fazer autoajuda, não, e não vou fazer. Eu não sei como sair. Eu não estou aqui para dizer como sair. Agora, o final do *Zero*... O que você pensa no final do *Zero*? Porque no final do *Zero*²⁷, está lá o Souza, na beira da marquise, e ele sente o cheiro de chuva e ele olha pro chão e vê uma flor, uma plantinha se refazendo, nascendo. Eu fiz 38 vezes esse final até chegar nesse ponto porque eu quero é que o leitor tenha duas posições e decida qual ele quer. O Souza está louco, alucinado, com amnésia, com Alzheimer, e não acredita em mais nada e imagina que está vendo uma planta que tem um cheiro, num lugar onde não há mais cheiro, ele está sentindo o cheiro de chuva? Ou realmente a natureza está se refazendo e a chuva vem vindo e o mundo vai se refazer. O livro é para você decidir o que você quer. Não sou eu quem impõe o final do livro. Quem me ensinou a terminar livro foi a professora Rute Segnini. Uma vez que eu fiz uma redação sobre uns anões e, quando eu terminei a redação, eu matei todos os anões. Eu odiava os sete anões porque, para mim, a Branca de Neve era escrava dos sete anões. Ela mandou reescrever a Branca de Neve e eu matei os anões. A classe deu uma gargalhada e toda a classe se voltou e me olhou. E aí a professora falou: olha, quando o final de uma história impacta, assombra, espanta, surpreende, ele foi bem realizado. Então, cada vez que eu termino, eu deixo parado, como o meu novo livro está parado numa gaveta, para pensar se o final é isso, se provoca alguma dessas coisas. O *Não verás*, para mim, é um livro que te impacta tanto, mas que, no fim, você diz: “vai mudar”. Outro diz: “não”. Outro dia eu estava conversando com meu tradutor alemão, Curt Meyer-Clason, sobre otimismo e pessimismo e ele tem uma frase muito interessante: “pessimista não passa de um otimista com experiência”. Então, quando você terminar de ler o *Não verás*, você decide.

Gabriela: Ignácio, eu vou então fazer uma última pergunta, aqui, da minha parte, depois acho que a gente pode abrir para o público de novo porque a gente tem bastante pergunta, né, Márcio? Imagino. Mas estava pensando aqui, agora, na verdade, nessa questão porque a gente falou bastante do *Não verás país nenhum* com relação ao *Zero* e aí eu fiquei pensando na relação do *Não verás* com o de 2019, o teu livro *Desta terra nada vai sobrar a não ser o vento que sopra sobre ela*. Porque você até mencionou que esse teu que agora está em processo de escrita, você vê como uma continuidade do *Não verás* e, se eu não me engano, foi a própria Heloisa Starling que vê *Zero*, *Não verás* e *Desta terra nada vai sobrar* como parte de uma trilogia. Então, eu queria te perguntar: qual que é o lugar do *Desta terra nada vai sobrar*, para você, como escritor, dessas obras em relação ao *Não verás*?

Ignácio: Olha, eu não sei. Ele que procure o lugar dele! Vocês, que estudam a teoria literária, vocês é que tem saber o lugar. Se eu for ficar pensando no lugar do meu livro dentro da literatura eu vou ficar pirando, pirando, pirando, mesmo porque eu não tenho o conhecimento teórico e nunca fui a uma faculdade pra estudar isso. Vocês sabem mais do que eu a teoria, vocês então analisem isso. Eu não sei o lugar do *Desta terra nada vai sobrar*. Eu sei que eu fiz. Fiz porque senti que era o momento de fazer esse livro com o material que estava à minha volta. *Desta terra nada vai sobrar* nasceu de uma

²⁷ O autor cometeu um lapso e confundiu os títulos dos romances. Ele se refere, na verdade, ao final de *Não verás país nenhum*.

fotografia de uma reportagem que eu vi numa revista sobre a farra dos guardanapos do Sérgio Cabral, em Paris. Era uma coisa tão absurda, tão ofensiva, tão repulsiva, sabe? Gastando milhões de nosso dinheiro nessas coisas, naquele bacanal, naquela orgia, sem vergonha. Aquilo me mexeu e aí eu fiz o *Dessa terra e*, no *Dessa terra*, o supremo se desfaz como meleca. Tem mil partidos. Tem candidato, mais candidato, mais candidato, então o *Desta terra* é elevado à centésima potência em matéria de chocar. Não chocou ninguém. Ninguém mais tem capacidade de se sentir chocado. É uma outra coisa que quero mostrar hoje em dia. Quero mostrar e acho que mostro. Mas trilogia é, na verdade, *Não verás*, *Desta terra* e o novo. Zero entra como Pilatos no “Credo”. Nada a ver. Zero é a realidade. Zero é a história do Brasil. Zero é a história de um momento tenebroso ao qual a gente sobreviveu. Zero é história, mas se quiserem dizer que é trilogia, deixo. Se lhes agrada, tudo bem. Mas eu não considero trilogia. Considero “biologia”, se é que existe “biologia”, “biologia” e tal. Enfim, na verdade, gente, é muito louco o que vou dizer: no fundo, às vezes, não sabemos o que estamos fazendo, não sabemos e, de repente, nos surpreendemos. Não quer dizer que venham coisas misteriosas. Não! De repente você tem um sentimento e esse sentimento acaba significando alguma coisa cujo tamanho você não sabe. Eu adoro quando percebo isso. Você sabe mais da minha obra do que eu! Você não citou a Elisa no *Não verás*. Tem as mulheres acomodadas e as mulheres... e a Elisa? Não é acomodada. A Elisa é a descolada, é uma coisa que está aí pra... é o mito aparecendo. Há um momento no *Não verás* em que a Adelaide desaparece e, dias depois, Souza encontra no armário um baú, uma mala com vestidos dos mais sensuais, dos mais sexys, dos mais excitantes, com paetês, com *strass*, com brilhos, com decotes que vão até as costas, enfim, tudo. Nisso eu entrei porque, na minha vida, aconteceu uma coisa. Eu tive uma tia, tia Margarida, que era parálitica, teve uma febre quando criança e andava, era aleijada mesmo e andava muito mal e tinha um vestido, sempre marrom, até o pé, e era muito religiosa, muito católica. Rezava sempre. E tinha uma grande coisa. A minha imaginação vem muito dela. Ela nos contava sempre, sempre histórias. Ela tinha três volumes de histórias da carochinha, que ela repetia, mas ia transformando, transformando. Então, um pouco de mim vem dela. Ela morreu, passaram dois dias, a família, as irmãs do meu pai, foram ao quarto da tia Margarida encontraram uma cesta com vestidos assim: de odaliscas, de Sherazades, de dançarinas de dança do ventre e coisa assim, que ninguém nunca imaginou que ela tivesse, como ela fez aquilo? Porque ela não saía. Quem trouxe os tecidos? Quem trouxe as coisas? Quem era essa amiga? Tinha várias amigas que a visitavam. Então, ficou um mistério que nunca se descobriu. Acho que as pessoas, às vezes, têm mistérios indecifráveis, indecifráveis. E isso é excitante, excitante. O que há por trás, por dentro da cabeça, de sonho, de fantasia, de loucura, de desejo, desejo. O que a Adelaide queria? Tocava o pianinho dela. Tocava *Pour Elise* e essas coisas. E, no entanto, aqueles vestidos... Porque o Souza era um babaca. Ela falou isso. E era de propósito. Talvez a gente esteja vivendo num país também de babacas, parados, paralisados, sem reação. O grande problema é a falta de reação. Acontece tudo e tudo se passa assim. Pode perguntar. Eu não sei se era isso que vocês queriam.

Márcio: Está ótimo! [risos] Ignácio, eu quero voltar um pouquinho no furo da mão. Nessa entrevista mesmo e durante o livro, a gente vai percebendo que o furo na mão tem uma relevância no livro porque ele vai mudando o personagem, o Souza. Vai criando um novo *status* para esse personagem, vai alterando o seu jeito, o seu caráter. Ele vai se tornando uma pessoa diferente, mas indesejável, como você disse em algum momento. Eu queria fazer um gancho com essa com essa coisa da cidade, com essa coisa do modo como as pessoas naquela realidade distópica do *Não verás país nenhum*, eles estão impedidos de circular em determinados lugares e existem ainda os indesejáveis e que são observados, são olhados, são apontados, às vezes, são recolhidos, às vezes são levados para outros lugares, enfim. Eu fiquei aqui pensando

como isso é uma realidade que não está longe de nós. Tanto em relação a essas coisas que você foi dizendo sobre Alphaville, que as pessoas vão se encastelando, mas também com relação às minorias e aos marginalizados, que obviamente têm direitos muito mais restritos de circular que do que os outros, que os demais: as minorias negras, os indígenas, enfim, todas as pessoas que têm no corpo, na pele, alguma marca que fazem com que sejam...

Ignácio: E no sexo também!

Márcio: Queria que você comentasse um pouco mais sobre essa ideia de restringir a cidade, como isso foi surgindo na narrativa.

Ignácio: Vinha naturalmente. Eu acho que é um momento de *Não verás* que se passa também hoje, mais do que nunca, entende? Você falou muito das minorias, os pobres, os miseráveis, os invisíveis, o rural, não existem. Essas são as pessoas que no *Desta terra* são jogadas fora, os idosos. No *Desta terra nada vai sobrar* é legal, é eutanásia. Os filhos levam os velhos para uma montanha e jogam de lá porque eles já não... eles atrapalham! O próprio Bolsonaro falou isso. Então, eu começo a ver mais ainda como o *Não verás* se mistura às coisas que estão acontecendo hoje. Você chamou a atenção para uma coisa: que a realidade dele é muito maior exatamente, nesse momento, em que quem não tem nada vai continuar a não ter nada. O invisível vai continuar invisível. Índios, lésbicas, trans, gays e isso é uma multidão que você pode jogar fora. Ela não existe, não interessa. Ela atrapalha. Os velhos... não foi dito pelo nosso presidente que o pessoal que tá aí, que não produz nada e só está aí para comer, beber, ganhar sua aposentadoria e não precisa nem dar aposentadoria para eles. É morte! É morte. É desprezo pela vida humana. O que aconteceu durante a Covid, aconteceu na Segunda Guerra. Lá, em maior proporção e, aqui, em menor proporção. Mas a vida humana não está valendo nada hoje. Para mim, essa é uma das coisas que eu penso e que eu estendo um pouco no novo livro. Eu fico olhando. Eu fico olhando, horrorizado, como não tem nada. Não se faz nada. Não há compaixão. Não há piedade. Não há solidariedade. O que há é ambição, política, ganância, corrupção etc. etc. É isso que eu quero com o livro. Um livro deveria ser agradável, mas um livro também pode ser desagradável. Grandes livros do Dostoiévski – *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Subterrâneos* – Tolstói, Shakespeare. A humanidade está lá, entende? Está tudo aí. Era isso.

Márcio: Mais duas perguntinhas do público, aqui, que nós temos, e depois a gente pode encaminhando para o final. O Weberson faz uma pergunta citando um trecho do livro. Ele diz o seguinte, o trecho fala o seguinte: “– Estão demitindo baseados nos decretos secretos. – Nunca ouvi falar. – São secretos. Produtos do Ministério do Planejamento. Demissões em massa.” Ele pergunta se a inspiração foi a demissão com fundamento em Atos Institucionais e Complementares da ditadura?

Ignácio: Foi. Exatamente. Foi. Você era demitido por nada. Por um decreto secreto. Agora tem também decretos secretos. Está tudo lá. E a outra?

Márcio: A outra é a seguinte: a Fernanda Ikedo pergunta se você relê suas obras de tempos em tempos e quando vai escrever um outro livro. Como é o processo de criação ainda. Em relação aos outros livros que você já escreveu.

Ignácio: Já me fizeram muitas vezes essa pergunta. Eu publico um livro e leio na hora que ele sai para saber como é que ele saiu. Um mês depois, dou uma outra lida e nunca mais leio nenhum dos livros. Nenhum. Porque eu estou indo para frente. O que está publicado, está publicado. Eu vou, de repente, querer mexer. De repente eu me arrependo de alguma coisa. Vários escritores fazem isso. Eu não quero mais mexer naquilo que está publicado. Aquilo é um momento. Nunca mais releio. Me lembro uma

vez, em 1985, eu fui a Portugal e tivemos um encontro – era um grupo de escritores brasileiros – com Miguel Torga²⁸. Já morreu. Um dos grandes escritores portugueses. Ele nos recebeu amavelmente. Conversamos. Ele morava em Coimbra. Falamos de segunda edição, terceira edição, se ele mexia, não mexia... Ele dizia: “não tem uma edição igual à outra dos meus livros.” Cada vez que ia sair uma nova versão, ele mexendo na edição, ele mexendo na edição, ele mexendo na edição. Então você fica girando em volta da sua própria obra. O Torga era o Torga e era muito grande escritor, mas eu, não. Eu vou em frente. Nunca, nunca, nunca releio. Lembro de uma vez, eu li... aliás, *O beijo não vem da boca* foi um livro que, quando eu cheguei no Brasil, eu escrevi em Berlim. É um romance sobre a história de uma separação. Entreguei o livro. Quando saiu, eu reli e fiquei incomodado. Passou um mês e eu reli. Falei: tem uma coisa aqui... Quatro meses depois eu tirei cem páginas do livro e nunca mais olhei pro livro. Cada um tem sua mania. Cada um tem seu modo de trabalho e de enfrentamento.

Márcio: Muito bem! A Fernanda Ikedo ainda pergunta: qual é o seu livro preferido? Não sei se você pode responder [risos].

Ignácio: Eu posso, mas é muito difícil responder porque eu gosto de todos que eu escrevi, mas tem um livro que eu gosto muito: *Dentes ao sol*. É um livro que se passa em Araraquara, a minha terra, e que é a história de um amigo do meu grupo, que todo mundo tem um grupo de juventude. Nós tínhamos esse grupo e estávamos sempre juntos na biblioteca municipal, no cinema, no bar etc. etc. E cada um tinha um sonho de ir embora. Nesse grupo tinha o Zé Celso Martinez Correia, que fez o teatro Oficina, tinha eu, tinha o Sidney Sanches, que acabou presidindo o Supremo Tribunal Federal, enfim. Marco Antônio Rocha, acabou editorialista d’*O Estado de S. Paulo*. Bom! E a gente veio embora. Esse cara ficou. Ele falou: Ah! comecei a namorar, estou gostando da menina... E quando você está no interior, e não vai embora aos 20 anos, você acaba casando, tendo filho, e vai, sabe? Enraizando. Mas, a gente ainda se reunia, e esse amigo vinha para mesa. Depois ele desapareceu. Um dia, a gente estava num bar que dava para rua. Eu o vi escondido atrás de uma árvore, ele olhava. Nós fomos lá. Eu falei: “o que você está fazendo aí?” “Estou olhando vocês”. “Por que não vem para mesa conversar?” “Ah! Vocês agora são outros, as suas conversas, suas ideias, essa coisa. Eu não tenho conversa. Tudo o que eu sei são as fofocas da cidade, aquelas coisas: quem deu para quem, aquelas coisas”. Disse: “vem, vem, que nós queremos essas histórias todas!” Ele falou: não, não, não. Seis meses depois ele tentou se atirar embaixo do trem e não conseguiu. E depois ele ficou louco. Era o cara mais talentoso de todo o grupo! Escrevia contos admiráveis. Era Kafka. Um Kafka dentro de Araraquara. Ele rasgou tudo! Ele nunca enfrentou a vida. Ele nunca enfrentou o sonho, que ele também queria escrever. Não enfrentou nada. Enlouqueceu, claro. Eu escrevi esse livro. É ele o personagem. Gosto demais desse livro porque, no fundo, é o meu medo de ter sido isso. Meu medo de nunca ter saído de lá. É o meu medo ser, lá, um comerciante, um ferroviário, uma coisa assim. Então eu gosto muito. Uma vez eu estava em Albuquerque, no Novo México, nos Estados Unidos, nos anos 1970, tinha um grupo de professores – era 1980 já – de professores brasilianistas que davam muita literatura brasileira. E teve um grupo de escritores que atravessou os Estados Unidos indo nessas aulas. Eu fui na aula do professor. Conversei com os alunos, em português, fomos para um bar conversar e um garoto, do meu lado, me falou assim: “Olha! Eu adoro o *Dentes ao sol*!”. E foi engraçado porque *Dentes ao sol* foi um grande fracasso. Não teve nem crítica, nem venda. Até hoje teve somente até segunda edição, entende? Eu não sei o que acontece também. A gente não sabe nada. E aí falei: “mas, por quê?” Ele falou: “porque é igualzinho Albuquerque”. Então, se a cidade de Araraquara é igualzinha

²⁸ Miguel Torga é pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha (1907-1995), que foi um importante poeta e escritor português do século XX.

Albuquerque, esse livro é universal. Eu me senti recompensado. Eu senti compensado por ter escrito o livro. Por isso que eu digo: a gente não sabe o que vai acontecer. Então, aquele menino de Albuquerque que me deu o troco. Isso é literatura.

Márcio: Gabriela, Júlia, querem fazer mais algum comentário?

Júlia: Só agradecer mesmo pela oportunidade da conversa. Agradecer toda conversa com você...

Ignácio: Mas deu para passar alguma coisa? Não sei!

Júlia: [rindo] poxa vida, Ignácio! Toda a conversa com você passa um milhão de coisas! Eu saio querendo comprar um monte de livros, ler um monte de coisa. Só posso agradecer mesmo pela oportunidade.

Márcio: Só sobre o ofício de escritor, aqui, já tem um milhão de coisas para a gente refletir, não é, Júlia?

Ignácio: Que bom! Que bom! Enfim! Eu tenho uma certa gratidão. Eu gostava muito de São Carlos. Meu irmão foi seminarista aí. Não sei se ainda tem um seminário aí, atualmente. Todo domingo minha mãe ia visitar meu irmão – depois abandonou o seminário e tudo – mas eu gostava porque eu ia de trem e minha mãe fazia lanches e depois de ir ao seminário a gente ia a um bar, meu pai comprava depois e tal. Depois, São Carlos tinha bonde. Meu pai e eu: vamos pra São Carlos! E a gente ia ao seminário de bonde. E, finalmente, onde é a UFSCar hoje tinha o maior cabaré do interior. Não sei se vocês sabem disso. Era um cabaré fantástico! Lindo! Mulheres incríveis! A gente ia ver porque a gente não tinha dinheiro. A gente passeava. “E aí, vai dançar ou não vai?” A gente ia embora. A gente ia de ônibus, de trem! Ia e depois voltava. Cada mulher que tinha naquele cabaré! Lugar de pecado! E agora vocês estudam lá. Tudo bem! A única coisa desagradável da UFSCar foi um professor, que é uma pessoa que eu tirei das minhas relações, tirei completamente das minhas relações. Nunca mais quis falar com ele. Eu ajudei muito ele, mas isso acontece na vida. O nome dele vocês sabem, eu não vou falar. Ele foi expulso aí, da UFSCar. Muito obrigado por tanta paciência!

Gabriela: Eu também só queria agradecer a todos os envolvidos, aos organizadores, à Júlia, ao Ignácio. Uma questão que eu admiro muito no teu trabalho, Ignácio, é porque, diante de tanta paralisia, como você disse, de não sair do lugar, de não se manifestar, de não se horrorizar, eu acho que tudo começa quando a gente cria coragem de nomear as coisas. Para mim, os atos de resistência vêm da nomeação e você, como escritor e como figura pública, já viveu tanto, já passou por tanta coisa e ainda assim não perdeu essa garra de nomear os processos que a gente vive. Então, para mim, é um privilégio, uma honra. E só tenho a agradecer mesmo, por tudo! Que a gente possa ainda se encontrar presencialmente – quem sabe? – em outras ocasiões. Obrigada!

Ignácio: É! O dia que eu deixar de nomear e o dia que não tiver mais projeto, eu me despeço.

Márcio: Só tenho a agradecer a disponibilidade de vocês todos. Ignácio, Júlia e Gabriela por estarem aqui, nesta noite, com a gente. É muito bom mesmo, muito agradecido por toda essa conversa que a gente teve. E é isso, né? A gente agradece e vamos conversando e ver se a gente consegue fazer encontros presenciais logo. Já tem gente aqui querendo fazer o lançamento do livro que está na gaveta, que está esperando para ser publicado. Presencialmente, óbvio!

Ignácio: Eu acho que ele não saiu porque ia sair os 40 anos do *Não verás* e, aí, um atrapalha o outro. Dois livros juntos não dão certo. Então, fica alguma coisa para o ano que vem. Muito obrigada a vocês! Até a próxima! Me avisa que eu vou!

Márcio: Ótimo! [risos] pode ter certeza que vamos avisar! Gente, fiquem, então, atentos aos novos Diálogos Interdisciplinares. Todo mês a gente tem recebido pessoas para falar de temas importantes, relevantes tanto para os nossos estudos no Programa, quanto para a sociedade em geral. Então, curtam o canal, se inscrevam, e toda aquela história que já sabemos das redes sociais. Estou fazendo um pouco o *merchant*. Muito obrigado! Ficamos por aqui. Valeu, pessoal!

Ignácio: Tchau, gente! [faz um gesto de jogar um beijo]

Sorocaba, novembro de 2021.